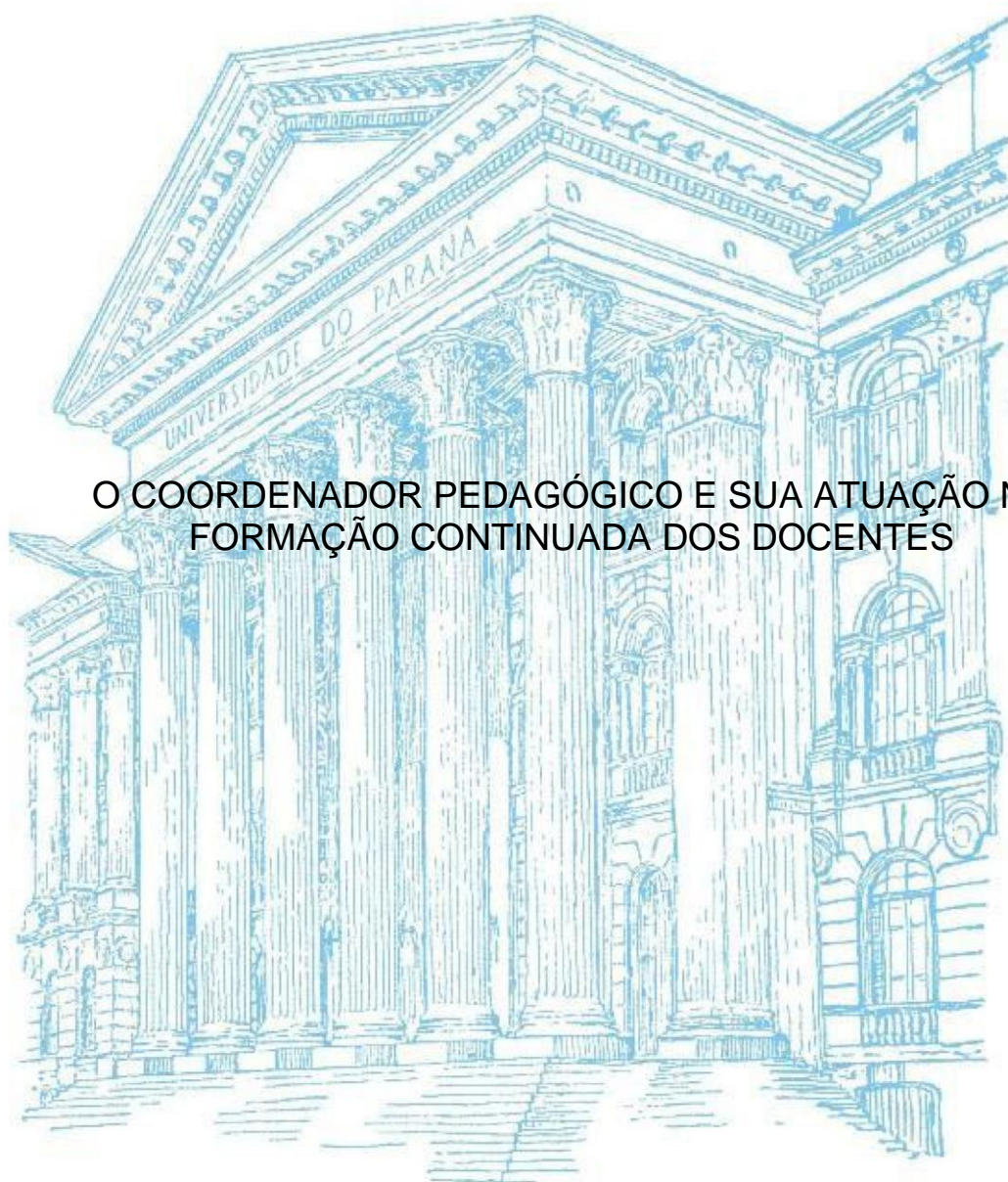


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

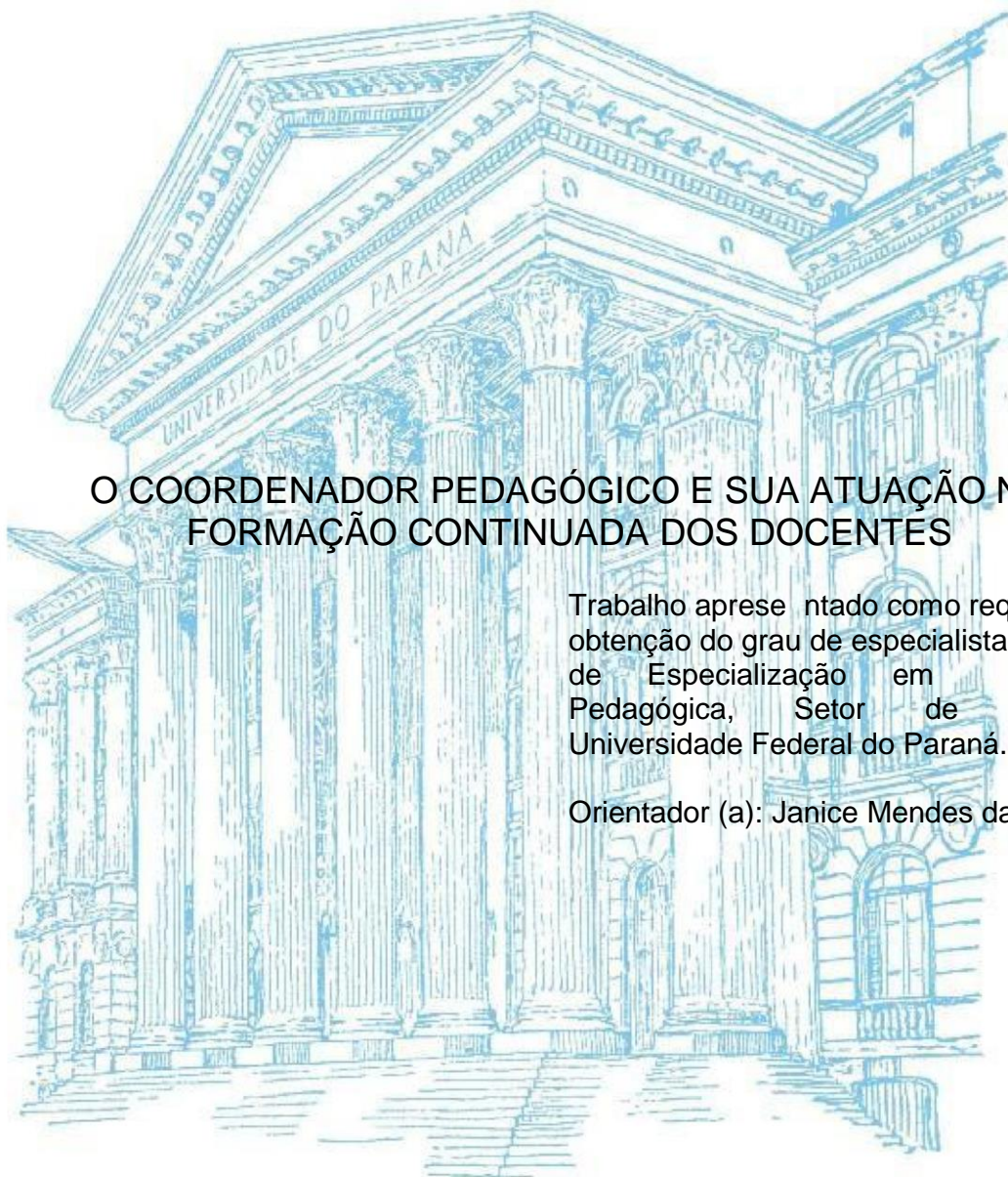
DIONETE APARECIDA BRONOSKI ZIMMERMANN



O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUA ATUAÇÃO NA
FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES

CURITIBA
2016

DIONETE APARECIDA BRONOSKI ZIMMERMANN



O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUA ATUAÇÃO NA
FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES

Trabalho apresentado como requisito à
obtenção do grau de especialista no Curso
de Especialização em
Pedagógica, Setor de
Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Janice Mendes da Silva

CURITIBA
2016

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUA ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES

ZIMMERMANN¹, Dionete Aparecida Bronoski.

RESUMO: O presente artigo pesquisou a atuação do coordenador pedagógico frente à Formação Continuada dos professores, tendo como local analisado Instituto de Educação, situado na cidade de Ponta Grossa, Paraná. A situação problema pesquisada teve como foco o questionamento: Analisar o papel do coordenador pedagógico frente à formação continuada de professores no Instituto de Educação Colégio Estadual da cidade de Ponta Grossa Paraná. Os resultados foram coletados considerando os questionários aplicados à Direção Auxiliar e a Coordenação Pedagógica e para alguns professores com questões direcionadas a situação problema levantada. Os resultados obtidos foram analisados com base no referencial teórico optado como fundamentação. Concluiu-se que a articulação que o coordenador pedagógico desenvolve na escola contribui sim para o processo de formação de Docentes.

PALAVRAS-CHAVE: Coordenação pedagógica. Formação continuada. Perspectiva pedagógica.

¹ Artigo produzido pelo aluno Dionete Aparecida Bronoski Zimmermann, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Janice Mendes da Silva. E-mail: dioneteabz@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade exigem-se profissionais na educação cada vez mais críticos e transformadores, com capacidade de se adaptarem as condições de um mundo globalizado e elevada qualidade em sua formação. Uma formação que promova a formação dos professores para serem comprometidos, reflexivos e que assumam a responsabilidade de seu próprio desenvolvimento.

E diante desse panorama de perplexidade e de aceleradas mudanças sociais, das novas configurações do mundo do trabalho e das novas exigências de aprendizagem. Nesse sentido o papel do coordenador pedagógico é o de mediar à relação professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem, acolher o professor em sua realidade, analisar os acontecimentos, na sua formação acadêmica e nas funções formadora, articuladora e transformadora do ambiente escolar, compete a este profissional a responsabilidade pela formação dos professores da escola. Como afirma Alarcão (2008, p. 32).

O grande desafio dos professores é ajudar desenvolver nos alunos, a capacidade de trabalho autônomo e colaborativo, mas também, o espírito crítico. O desenvolvimento do espírito crítico se faz no diálogo, no confronto de idéias e de práticas, na capacidade de ouvir o outro, mas também ouvir a si próprio e de auto-criticar. E isto só é possível num ambiente humano de compreensiva aceitação.

Neste sentido o coordenador necessita estar sempre atento acompanhando os resultados que acontecem na escola, refletindo sobre a sua prática para procurar superar os obstáculos e melhorar, estar em constante aperfeiçoamento no intuito de ajudar no processo de ensino aprendizagem.

A qualidade na educação é uma busca constante de todas as instituições de ensino, para que isso aconteça são necessárias algumas ações que de sustação no trabalho em equipe. As escolas precisam cada vez mais de profissionais responsáveis, dinâmicos e inteligentes, com habilidades para resolver problemas e tomar decisões.

E o coordenador pedagógico, tem que ir além do conhecimento teórico, pois para ele acompanhar o trabalho pedagógico e estimular alunos e professores é necessário ter percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores, estar sempre atualizado, e buscar fontes de informações e refletir sempre sobre sua prática como nos fala Nóvoa (1992, p. 36) “a experiência não é nem formadora nem produtora. É a reflexão sobre a experiência que pode provocar a produção do saber e a formação”. Portanto este pensamento ainda destaca que o trabalho deve acontecer com a colaboração de todos, e o coordenador deve estar bem preparado para mudanças e pronto para motivar toda a sua equipe. Pois o trabalho em equipe é uma fonte inesgotável de superação e valorização do profissional.

Segundo (Libaneo 2004), o coordenador pedagógico é aquele profissional que articula o trabalho pedagógico, e esta diretamente ligado com os professores, alunos e pais.

Um dos papéis muito importante e essencial do coordenador pedagógico está ligado à formação em serviço dos docentes. Processo denominado de Educação Continuada, em textos oficiais municipais e estaduais da educação, como na literatura. A Educação Continuada é necessária para que as práticas pedagógicas no interior da escola possam ir se aperfeiçoando e se transformando constantemente.

Pois a formação continuada tem por objetivos incentivar a postura de sujeitos críticos, reflexivos e transformadores, e capazes de refletirem sobre suas próprias praticas, e atender as demandas da sociedade pensando em práticas pedagógicas mais significativas e importantes.

Portanto, este trabalho teve como objetivo: Analisar o papel do coordenador pedagógico frente à formação continuada de professores no Instituto de Educação Colégio Estadual da cidade de Ponta Grossa Paraná.

2 SITUANDO O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO CONTINUADA

2.1 O coordenador pedagógico: contexto histórico

Segundo a História da educação no Brasil os primeiros registros acontecem com a chegada dos Jesuítas em 1549. O *Ratio Studiorum* após 1570 trazia uma orientação sobre como deveriam ser oferecidos os estudos. Esse plano passou por muitas reformas, tendo sua versão final promulgada em 1599, e vigorada em todos os colégios da Companhia de Jesus.

Quando aconteceu a independência do Brasil é formulada a primeira Lei para a instrução pública, no artigo 5º da Lei de 15 de outubro de 1827, institui o método Ensino Mútuo, onde o professor exerce duas funções docência e supervisão, instruindo monitores e supervisionando as suas atividades, e a aprendizagem dos alunos

Em 1886, foi criado o Sistema Nacional de Educação, pois se tornara necessário a criação de órgãos centrais e intermediários no âmbito das escolas. E em 1897 a direção e a inspeção do ensino passaram a ficar sob a responsabilidade de um inspetor geral, em todo o Estado, o qual tinha dez inspetores escolares.

Porem foi somente na década de 1920 que surgiram os profissionais da educação como uma nova categoria profissional, motivados pela criação da Associação Brasileira de Educação em 1924, onde surgem os técnicos em educação.

Com a Lei O processo de estruturação / reestruturação do ensino brasileiro desembocou na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1961. As secretarias de Estaduais de Educação, acharam necessária a formação de agentes para operar nesses novos moldes. Nesse sentido os cursos de pedagogia eram responsáveis pela formação dos pedagogos, que eram técnicos ou especialistas em educação e exerciam várias funções, Saviani, (2002 p.22). O modelo de supervisão que nos influenciou foi o dos Estados Unidos, que surgiu no século XVIII durante o governo de Juscelino Kubitscheck, no bojo do processo de industrialização. Nesse período foi firmado um convênio do MEC, com o referido país, onde foi criado

o Plano de Assistência Brasileira - Americana no Ensino Elementar- PABAE, de 1957 até 1964. Esse plano previa que os professores brasileiros fossem até os Estados Unidos para fazerem cursos e se especializarem em supervisão e depois montarem cursos dessa especialidade no Brasil conforme nos assegura Urban (1985, apud VASCONCELOS, 2009 p.17).

Sabe-se que a Supervisão Educacional foi criada num contexto de ditadura. A Lei 5692/71 a instituiu como serviço específico da Escola de 1º e 2º Graus. Sua função era predominantemente tecnicista e controladora. No contexto da Doutrina de Segurança Nacional adotada em 1967 e no espírito do AI-5 (Ato Institucional nº 5) de 1968, foi feita a reforma universitária. Nela situa-se a reformulação do Curso de Pedagogia. Em 1969 era regulamentada a Reforma Universitária e aprovado o parecer reformulador do Curso de Pedagogia. O mesmo prepara desde então, generalistas, com o título de especialistas da educação, mas pouco prepara para a prática da educação. (2002, p. 86).

A partir de 1969, a pedagogia ganha uma nova organização e se transforma em uma abordagem tecnicista, os cursos de pedagogia são reformulados pelo parecer nº 252/69 do Conselho federal de Educação que em vez de formar o técnico em educação com várias funções, davam habilitações dentro do curso, como: administração, inspeção, supervisão e orientação e o magistério de disciplinas profissionalizantes dos cursos normais e um mestrado com habilitação em planejamento educacional. Esse parecer, até então, foi à forma mais radical de profissionalizar a função do supervisor educacional, e de contribuir para o reconhecimento profissional da atividade do supervisor no sistema de ensino, buscando dar a esse profissional uma identidade própria e com características que as distinguisse das demais.

Com o golpe militar de 1964 a Supervisão educacional passa por um período na história brasileira muito difícil, projetos educacionais são transformados em interesses econômicos e o trabalho do supervisor passa a ser o controlar o trabalho do professor de maneira a garantir a eficiência no trabalho, nesse sentido o supervisor não era um articulador, mas alguém com um poder autoritário o qual dava ordens para ser obedecidas, sendo um cargo de confiança do Estado no sentido de ser (na década de 70) o ditador / controlador do saber.

(...) os padrões de supervisão, baseados em inspeção e fiscalização, dão ênfase a um sistema vertical de autoridade, submissão e controle, e identificam-se como uma posição hierárquica, onde o executor é sempre um

dependente e deve aceitar passivamente as diretrizes emanadas do supervisor, hierarquicamente num escalão mais alto. (LACERDA, 1983, p. 32 *apud* MEDEIROS; ROSA, 1987, p. 20).

Na década de 70 o Brasil é caracterizado pelo afluxo de idéias desenvolvimentistas que eclodem no milagre econômico. Onde convivemos com a repressão, a violência e com a ditadura que baniu da sociedade civil brasileira os ideais democráticos e de libertação. Essa situação provocou na realidade social brasileira o conflito entre suas classes antagônicas: burguesia e o proletariado.

E foi no final da década de 70 e início da década de 80 surgem às primeiras Associações de Supervisores Educacionais no Brasil. Aparece a necessidade de treinar supervisores para a implantação das reformas educacionais.

A partir de 1980, procurando um atuar e pensar no coletivo para que a supervisão educacional não se dê de forma isolada, mas que aconteça em todo no contexto educacional, brasileiro

Na década de 1990 houve a redescoberta da supervisão, aparece como necessário para a mudança nas escolas. Entretanto a educação enquanto aparelho de um sistema político, onde enxerga na pessoa do supervisor como um intermediário na implantação de novas políticas e propostas curriculares.

E no artigo 67 da LDB vem assegurar a criação de Estatutos e Plano de Carreira do Magistério e Concurso Público. A LDB vem dar respaldo a formação do supervisor coordenador, exigindo uma formação mínima para atuação desses profissionais na graduação nos cursos de pedagogia. Porém a realidade apresenta outra demanda mais condizente com o momento político, o da inquietação e de quebra de paradigmas, onde a concepção e a execução do trabalho não se separam. A função autoritária do qual foi investida nas décadas passadas não mais era necessário as necessidades ao sistema ensino.

No início a supervisão escolar foi praticada no Brasil com o principal desafio de controlar o trabalho do professor. Essa profissão retrata o pensamento político da época, segundo (Silva Jr. 2008, p. 93) “Para uma sociedade controlada, uma educação controlada; para uma educação controlada um supervisor controlador e também controlado”.

O supervisor coordenador foi percebendo que a verdade não estava pronta e depositada em suas mãos para que ele a distribuísse nas mãos dos professores que

só poderiam conhecer por seu intermédio; o supervisor foi descobrindo, tal como Guimarães Rosa, que “mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende”; o supervisor coordenador foi percebendo, que sua tarefa não era somente transmitir uma mensagem pronta e acabada, mas reunir os educadores para que juntos pudessem elaborar sua própria mensagem e com ela tentar mudar para melhorar a vida de seus alunos. (SILVA JR., 2008, p.94).

A função do coordenador pedagógico nos dias atuais se mostra bem mais ampla e o profissional é aquele que vê o geral, que vê além e articula ações com o coletivo da escola. “Supervisor o que procura a “visão sobre”, no interesse da função coordenadora e articuladora de ações é também quem estimula oportunidades de discussão coletiva, crítica e contextualizada do trabalho (...)” (RANGEL 2008, p. 147).

2.2 A importância da formação continuada para a prática pedagógica docente

A formação docente tem sido objeto de estudo nas últimas décadas por vários pesquisadores da educação, desde a época da escola nova procurava-se instruir os futuros professores com as melhores formas de ensinar, e como utilizar as melhores técnicas para obter os melhores resultados, essa abordagem levou as políticas públicas à padronização dos currículos.

Anísio Teixeira na década de 1950, já demonstrava uma grande preocupação com a formação de professores, pois acreditava que os alunos precisavam de um novo tipo de mestre, com mais cultura e experiência. Portanto a formação do professor deveria se dar em nível superior, para garantir educadores mais preparados em sala de aula. Portanto, o professor precisaria de uma formação consistente, teórica e prática. O professor também deveria adquirir conteúdos políticos, participar de debates. Nesse sentido, o professor deixaria de ser o dono do conhecimento e passaria ser mediador, motivador do processo pedagógico.

Em 1964, com o a ditadura militar, então o debate educacional foi silenciado, pois para garantir a liberdade, muitos educadores esvaziaram seu discurso de conteúdo político. Um fato importante dessa época foi a promulgação da Lei 5.692/71, um duro golpe para os educadores progressistas.

Saviani destaca uma nova visão do papel da educação e então ele propõe a teoria crítico-social dos, com a qual a escola podia combater a ideologia dominante. E propõe uma formação de professores baseada na reflexão sistemática, na qual a educação é vista como um campo dinâmico, dialético.

A LDB define no artigo 63, que as instituições formativas deverão manter “programas de formação continuada para os profissionais da educação dos diversos níveis”, além de estabelecer no artigo 67, “que os sistemas de ensino deverão promover aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim”. Tal perspectiva amplia o alcance da formação continuada, incluindo os cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado.

Nóvoa (1992, p. 38) a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas.

ARNONI (2008, p.234) destaca que uma formação continuada crítica caracteriza-se pela práxis crítica, em que teoria e prática interagem numa ação recíproca, em unidade: a prática por depender de um direcionamento teórico, e a teoria, por desvendar, na prática, as contradições sociais, na busca pela transformação da realidade escolar.

Portanto a prática constitui na formação, mas não qualquer prática, é necessária que seja uma prática analisada, pensada, pois não existe aprender só com a prática é necessário buscar embasamento teórico.

Schon (1990); Alarcão (1996 apud Pimenta, 1999, p 27-28), a formação continuada de professores valoriza o que denominam o professor reflexivo contrario a racionalidade técnica que marcou o trabalho e a formação de professores, entendendo como sendo um intelectual em processo contínuo de formação. Enquanto tal, pensar a sua formação significa pensá-la como um continuum de formação inicial.

Entender a formação é, portanto, uma auto-formação, assim como Nóvoa coloca:

Durante muito tempo, quando se falava em formação de professores, falava-se essencialmente da formação inicial do professor. Hoje em dia, é impensável imaginar essa situação. A formação de professores é algo que se estabelece num continuum. Que começa nas escolas de formação inicial, nos primeiros anos de exercício profissional e continuam ao longo de toda a vida

profissional, através de práticas de formação continuada, tendo como pólo de referência as escolas. (NÓVOA, 2001, 13-09)

Ainda, Nóvoa (1992p.27-28) destaca que a formação de professores deve ser centrada no terreno profissional e aponta para a importância do movimento sugerido por Schon, da reflexão na ação, da reflexão sobre a ação e da reflexão sobre a reflexão na ação. Dessa forma, o professor é compreendido como profissional autônomo.

Nesse sentido Nóvoa (1992 p.29), propõe a formação numa perspectiva crítico-reflexivo, que “forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de formação auto participada”.

Assim sendo, o professor precisa valorizar o seu conhecimento para ter uma práxis pedagógica crítico – reflexiva,

Produzir a vida do professor implica valorizar, como conteúdos de sua formação, seu trabalho crítico-reflexivo sobre as práticas que realiza e sobre suas experiências compartilhadas; Produzir a profissão docente trata-se de pensar a formação do professor como um projeto único englobando a inicial e a contínua; Produzir a escola como espaço de trabalho e formação, o que implica gestão democrática e práticas curriculares participativas, propiciando a constituição de redes de formação contínua, cujo primeiro nível é a formação inicial. (NÓVOA, 1992,p.29-30).

De acordo com Nóvoa (1992:62 *apud* Almeida, 2000, p.117) para identificar um professor reflexivo fundamenta-se em Dewey e em outros autores para apresentar três tipos de atitudes que identificam um professor reflexivo: Mentalidade Aberta, Responsabilidade e Entusiasmo.

Neste sentido o professor deve ter a mente aberta e entusiasmo pela educação.

Um professor que tem a mentalidade aberta é aquele que convive com as diferenças. A responsabilidade refere-se ao autodomínio e a assumir as conseqüências das próprias posições. O entusiasmo relaciona-se com a predisposição em relação às inovações, à vontade, à alegria, e ao prazer de ensinar e aprender (FREIRE, 1995 *apud* ALMEIDA 2000,p.117).

Nesta perspectiva, o docente que tem a mentalidade aberta é aquele que se dispõe a receber o novo, procura aprender com seus colegas, incita o debate, a crítica, o confronto e procura sempre a sua auto-formação e também que sabe conviver com as diferenças. O professor responsável e comprometimento têm a coragem de voltar atrás e rever sua práxis para programar ações inovadoras num contínuo movimento de reflexão proposto por Schon. O entusiasmo é estar aberto às inovações, é ter

vontade de exercer a profissão, é notar as dificuldades, como algo que faz parte da profissão. O entusiasmo descrito aqui é segundo Freire (1996) é não deixar para fazer amanhã o que se pode fazer hoje e fazer cada dia melhor, construindo o prazer de ensinar e aprender.

2.3 O coordenador pedagógico e seu papel na formação pedagógica

O coordenador é aquele agente de transformação muito importante no cotidiano escolar, é o responsável pela construção e reconstrução da ação pedagógica, com vistas à construção e articulação coletiva do Projeto Político Pedagógico.

Freire (1982,p.33) defende que o coordenador pedagógico é, primeiramente, um educador e como tal deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola, sendo como um parceiro do professor que vai transformando a prática pedagógica junto ao corpo docente.

Nesse sentido o coordenador pedagógico tem como a principal atribuição a assistência pedagógica, refletindo sobre as práticas de ensino e aprendizagem, e também auxiliando na construção de novas situações de aprendizagem, que engloba o auxílio aos alunos ao longo da sua formação.

Para Libaneo (2004, p.69), o coordenador pedagógico responde pela viabilização, e pela integração e articulação do trabalho pedagógico, com os professores, alunos e pais. E junto ao corpo docente o coordenador tem como a principal atribuição a assistência pedagógica, refletindo sobre as práticas de ensino e aprendizagem, e também auxilia construindo novas situações de aprendizagem, que são ajudar os alunos ao longo da sua formação.

A busca pela qualidade da educação é uma atividade constante das instituições de ensino, e para que isso aconteça são necessárias ações que sustentem um trabalho em equipe e uma gestão compartilhada que priorize a formação docente contribuindo para um processo administrativo de qualidade conforme no diz:

“não se trata mais de administrar pessoas, mas de administrar com as pessoas. As organizações cada vez mais precisam de pessoas proativas, responsáveis, dinâmicas, inteligentes, com habilidades para resolver problemas, tomar decisões”. CHIAVENATO (1997, p.101),

Portanto, devemos identificar as necessidades dos professores e juntamente com eles procurar soluções que oportunizem um trabalho educacional de qualidade e esse trabalho é desenvolvido pelo coordenador pedagógico.

Nesse sentido o coordenador precisa estar sempre atento a tudo o que se passa no cenário a sua volta e valorizando os profissionais da sua equipe e acompanhando os resultados, essa sua caminhada nem sempre é feita com segurança, pois existe diversas informações e responsabilidades e o fato do medo e da insegurança também podem fazer parte dessa trajetória, cabe ao coordenador portanto refletir sobre sua própria prática para superar todos os obstáculos e aperfeiçoar sempre o processo de ensino e aprendizagem, tendo com objetivo principal uma educação de qualidade para os nossos alunos.

Para que de fato o coordenador pedagógico acompanhe o trabalho docente e desenvolva ações de parceria com demais profissionais é necessário que pense nos desafios atuais que escola enfrenta, “a complexidade da sociedade e do conhecimento, as recentes reformas educacionais, os problemas e as contradições da escola e da prática escolar, ao lado das mudanças do perfil e das necessidades dos alunos e da formação precária e inadequada dos educadores” (PLACCO, 2002, p.97).

O coordenador é aquele agente de transformação indispensável no cotidiano escolar, é e também o responsável pela construção e reconstrução da ação pedagógica, com vistas à construção e a articulação coletiva do Projeto Político Pedagógico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é o fundamento de toda e qualquer ciência. E para que possamos identificar alguma coisa de ciência, é preciso atentar e procurar saber quais foram os avanços conseguidos.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996,p. 29).

O tipo de pesquisa utilizado para este artigo foi à pesquisa exploratória, que segundo (Gil 1999, p. 43) é considerada como um trabalho de natureza exploratória quando envolver levantamento bibliográfico entrevista com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Para a coleta de dados, foi escolhido como espaço de pesquisa a Direção Escolar e a Coordenação Pedagógica do Instituto de Educação Estadual Professor César Prieto Martinez, Ensino Fundamental, Médio Normal e Profissionalizante situado na cidade de Ponta Grossa Paraná.

O questionário utilizado foi estruturado em nove questões abertas, porque, “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 2011, p. 146), sendo que, para questão de análise foi selecionado quatro questões que apresentavam estreita relação com a temática proposta.

4 ANÁLISE E RESULTADO DA PESQUISA

Analisando as questões dos questionários as respostas obtidas a seguir serão identificadas em: Coordenação Pedagógica (C1 a C3), Direção (D1) e Professor (P1 a P4).

Na questão que trata das concepções de formação continuada, as respostas obtidas foram:

C1 – O professor que está sempre em busca de uma formação continuada (continua), bem como o crescimento de suas competências tende a ampliar o seu campo de trabalho. A formação continuada proporciona um professor reflexivo, capaz de sair da zona de conforto e levar conhecimento de forma crítica dinâmica aos seus alunos.

C2 - É o espaço de aprimorar conhecimentos necessários para que façamos reflexões sobre nossa prática.

C3 - Formação continuada é a capacitação do professor continuamente, é um grande avanço para melhorar a qualidade da educação. P1 – É o aperfeiçoamento através do processo educacional.

P2 – Necessário para incentivar posturas de sujeitos críticos, reflexivos e transformadores, capazes de refletir sobre suas ações.

P3 – A Formação continuada é necessária, porém ainda é falha em alguns pontos.

P4 – Formação que deve ser desenvolvida para aprimorar os conhecimentos dos professores. Porém vale lembrar que são enfatizados os seguintes temas na formação em si, a profissão, a avaliação e as competências que cabem aos profissionais da educação.

G1: Formação Continuada é a forma de adquirir conhecimento no dia a dia, é a formação em trabalho.

A esse respeito Nóvoa diz:

Durante muito tempo, quando se falava em formação de professores, falava-se essencialmente da formação inicial do professor. Hoje em dia, é impensável imaginar essa situação. A formação de professores é algo que se estabelece num continuum. Que começa nas escolas de formação inicial, nos primeiros anos de exercício profissional e continuam ao longo de toda a vida profissional, através de práticas de formação continuada, tendo como pólo de referência as escolas. (NÓVOA, 2001, p.13-09).

Nesse sentido, a formação continuada é muito importante para todo o profissional da educação, como afirma a gestora da escola que a “formação continuada é à formação em serviço”, vindo ao encontro com o pensamento de Nóvoa.

Quanto ao questionamento: em que momento acontece à formação continuada na sua escola? Os professores afirmaram numa totalidade de 100% que a formação continuada acontece no início do ano letivo e também no início de cada

semestre e pontualmente durante quatro encontros durante o ano letivo, seguindo orientações específicas da SEED. Todos os professores entrevistados disseram procurar fazer outros cursos de aperfeiçoamento além do que ocorre dentro das instituições de ensino.

Schon (1990); Alarcão (1996 apud Pimenta, 1999, p 27-28), a formação continuada de professores valoriza o que denominam o professor reflexivo contrario a racionalidade técnica que marcou o trabalho e a formação de professores, entendendo como sendo um intelectual em processo contínuo de formação.

A formação continuada em serviço está assegurada na LDBEN/1996, que define no artigo 63, que as instituições de ensino deverão manter “programas de formação continuada para os profissionais da educação dos diversos níveis”, e estabelece no artigo 67, “que os sistemas de ensino deverão promover aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para este fim”.

Quando os professores foram interrogados sobre qual a importância do coordenador pedagógico para a melhoria do ensino aprendizagem? E esse profissional é necessário na escola? As respostas obtidas foram:

P1- O seu trabalho é muito significativo. A coordenadora é uma pessoa bem dinâmica e articuladora, respeita o trabalho do professor, propõe, ouve, deixa o professor falar e intervém quando necessário.

P2- É muito importante o trabalho da coordenação pedagógica. Pois é que orienta todo o processo de ensino e aprendizagem, dos alunos.

P3- É muito importante, pois é o profissional que está sempre em contato com a família do aluno.

P4- Considero importante o papel da coordenadora na escola pois é uma pessoa que sempre está auxiliando os professores sempre que é solicitado.

Freire (1982, p.33) defende que o coordenador pedagógico é, primeiramente, um educador e como tal deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola, sendo como um parceiro do professor que vai transformando a prática pedagógica junto ao corpo docente.

Para Libaneo (2004, p.69), o coordenador pedagógico responde pela viabilização, e pela integração e articulação do trabalho pedagógico, com os professores, alunos e pais. E junto ao corpo docente o coordenador tem como a principal atribuição a assistência pedagógica, refletindo sobre as práticas de ensino e

aprendizagem, e também auxilia construindo novas situações de aprendizagem, que são ajudar os alunos ao longo da sua formação.

Verificamos que o coordenador pedagógico é um dos profissionais indispensáveis em uma escola, pois é ele que contribui para que realmente aconteça uma educação de qualidade e que de fato ocorra à aprendizagem dos alunos.

Em relação à pergunta: Como é a relação interpessoal entre coordenador pedagógico professores e a equipe gestora? A equipe respondeu que está um tanto difícil, pois muitos professores estão desmotivados e não participam como deveriam, alguns no momento da formação continuada ficam fazendo outras atividades alheias ao curso, por exemplo, o uso de notebook.

Sobre relação interpessoal Rogers (1999, *apud* Almeida, 2006 pg76), diz que toda relação interpessoal pode ser facilitadora de crescimento, mas é necessário apresentar algumas características: “empatia, consideração, e autenticidade, e que elas sejam comunicadas ao outro” Segundo o autor, as mudanças acontecem não só na pessoa que se pretende ajudar, mas também em quem ajuda. Ao questionar sobre a importância que atribui à Formação Continuada, as equipes coordenadoras respondem:

C1- “Que é muito importante, pois ela orienta todo o processo de ensino e aprendizagem na escola”.

C2-“e de grande valia o processo de formação continuada em serviço, para se criarem condições geradoras de conhecimentos e inovações para intervenções positivas no processo ensino aprendizagem.”

C3- “Em minha opinião o processo de Formação Continuada são momentos de extrema importância para os professores funcionários das escolas ressignifiquem suas práticas em sala de aula.”

G 1- “Formação que se dá após a formação inicial, envolvendo a atualização do saber, as transformações nas práticas pedagógicas, o desenvolvimento da auto-reflexão, assim como a superação da dicotomia teoria-prática.”

Anísio Teixeira desde a década de 1950 declarava que a sociedade estava precisando de um novo tipo de mestre com formação superior para orientar os professores despreparados na sala de aula.

A formação continuada não poderá substituir à inicial, ao contrário irá substanciar a formação do professor em um processo contínuo, uma vez que as mudanças na sociedade ocorrem rapidamente, nesse sentido o professor precisa também acompanhar essas mudanças através de uma aprendizagem permanente.

Quando perguntei sobre quem seria o responsável por articular a formação continuada, a coordenadora pedagógica respondeu: Em uma esfera maior é a SEED e dentro da escola é a equipe gestora e a coordenação pedagógica. A gestora afirma que é a SEED, direção e coordenação. Existe então nesse caso um consenso entre as equipes.

Sobre o pergunta: em que momento e como você articula a formação continuada. A coordenadora diz: “Nas reuniões pedagógicas e na hora atividade dos professores”. Nesse sentido, a formação continuada dos docentes, será bem mais sucedida se a coordenadora pedagógica der a devida importância para o desenvolvimento profissional dos professores. Bem como a organização do espaço e do tempo por irá garantir o sucesso e a participação dos professores, é muito importante ter bom planejamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos proporcionou momentos de reflexão acerca de todas as atribuições dos coordenadores em relação aos professores. Alguns pontos se destacam, em primeiro lugar, a certeza de que estamos apenas iniciando uma nova etapa, e que os conhecimentos a respeito da função de coordenadores não se esgotam aqui, sabemos que ainda existem alguns entraves a serem transpostos, principalmente quanto à delimitação das atividades.

Um segundo ponto considerado como é que os pesquisados procuraram esclarecer algumas questões referentes ao papel do coordenador pedagógico enquanto um agente articulador da formação continuada dos professores no contexto atual, procurando desmistificar a sua função de fiscalizador e controlador do trabalho do professor, apagador de incêndio. Percebeu-se com a investigação que a função do coordenador pedagógico ocorre no campo da mediação do trabalho pedagógico, sendo um ótimo companheiro do professor, que deverá buscar um trabalho conjunto.

Na medida em que a nossa sociedade vai se tornando cada vez mais complexa, existe a necessidade de expandir a intencionalidade educativa abrangendo diferentes tipos de formação tão importante e necessária ao exercício pleno da cidadania.

Espera-se, que o Coordenador Pedagógico conheça muito bem o seu espaço de trabalho, e que procure sempre compartilhar as suas idéias e conhecimentos, e que construa o seu papel na escola, tornando-se, portanto assim, um articulador do processo da formação continuada.

Pudemos perceber a importância do trabalho da coordenação pedagógica, com uma prática compartilhada entre a coordenação e os professores participantes. Pois o plano de trabalho previsto para a realização da formação continuada dos professores procura promover espaços e tempos de aprendizagem e planejamento para os professores, possibilitando situações de aprendizagem em que os professores possam se sentir sujeitos produtivos do processo de formação centrado na ação-reflexão-ação. A articulação que o coordenador pedagógico desenvolve na escola contribui sim para o processo de formação de Docentes.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **A Formação do Professor Reflexivo**. In: ALARCÃO, Isabel. Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A dimensão relacional no processo de formação docente**. In: BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (orgs.) O Coordenador Pedagógico e a Formação Docente. 7ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica**. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. (orgs) O Coordenador Pedagógico e o Espaço de Mudança. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ARNONI, Maria Eliza Brefere. **Práticas Educativas: Uma Proposição Metodológica de Formação Continuada da Perspectiva da Mediação Dialética**. In: GRANVILLE, Maria Antonia. (org.) Teorias e Práticas na Formação de Professores. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 35ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GARRIDO, Elsa. **Espaço de Formação Continuada para o Professor Coordenador**. In: BRUNO, Eliane Bambine Gorgueira, ALMEIDA, Laurinda Ramalho de, CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. (orgs.) O coordenador pedagógico e a formação docente. 9ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e formação docente**. In: Nóvoa, Antônio. (org.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, Antônio. **O Professor Pesquisador e Reflexivo**. In: **Salto para o Futuro**. Entrevista concedida em 13 de setembro 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de Professores: identidade e saberes da docência**. In: PIMENTA (org.) Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. São Paulo: Cortez 1999.

SAVIANI, D. **A Supervisão Educacional em perspectiva histórica: da função à profissão pela mediação da idéia**. In Carapetto, N. S. (org.) Supervisão educacional para uma escola de qualidade. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Sobre o Papel da Supervisão Educacional Coordenação Pedagógica**. In: VASCONCELOS (org.) Coordenação do Trabalho

Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2009.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como Ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.